

Levantamento da incidência das doenças dos citros no cinturão
citrícola de São Paulo e Triângulo/Sudoeste Mineiro

GREENING, CVC E CANCRO CÍTRICO

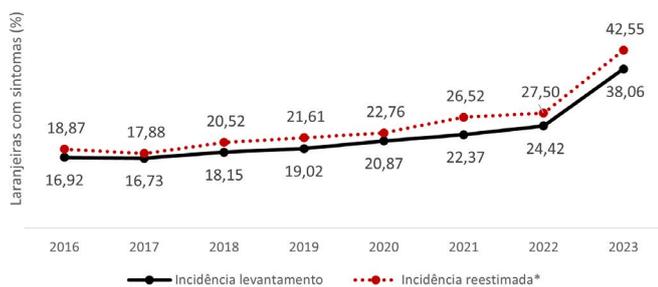
20
23



GREENING

Apesar de todos os esforços do setor, a incidência de greening, numa “fotografia real”, correspondente ao período de maio a julho de 2023, continua subindo no Cinturão Citrícola de São Paulo e Triângulo e Sudoeste Mineiro: **aumentou de 24,42% em 2022 para 38,06% este ano**, crescimento de 55,8%. No chamado “cenário reestimado”, que desconsidera o total de mudas plantadas e inclui as árvores eliminadas por greening em 2022, a incidência é de 42,55%, enquanto no ano passado era de 27,50%.

Percentual das laranjeiras com greening no cinturão citrícola



*Desconsiderando as novas mudas plantadas e incluindo a estimativa de árvores eliminadas por greening no ano anterior

As melhores notícias vêm novamente das regiões do Triângulo Mineiro e Votuporanga, onde foram registradas, sempre seguindo os números absolutos, da “fotografia real”, as menores incidências: 0,35% a 1,77%, respectivamente. No entanto, cumpre observar que no intervalo de um ano, a incidência cresceu 35 vezes nas duas regiões: saltou de 0,01% para 0,35% no Triângulo Mineiro e de 0,05% para 1,77% em Votuporanga.

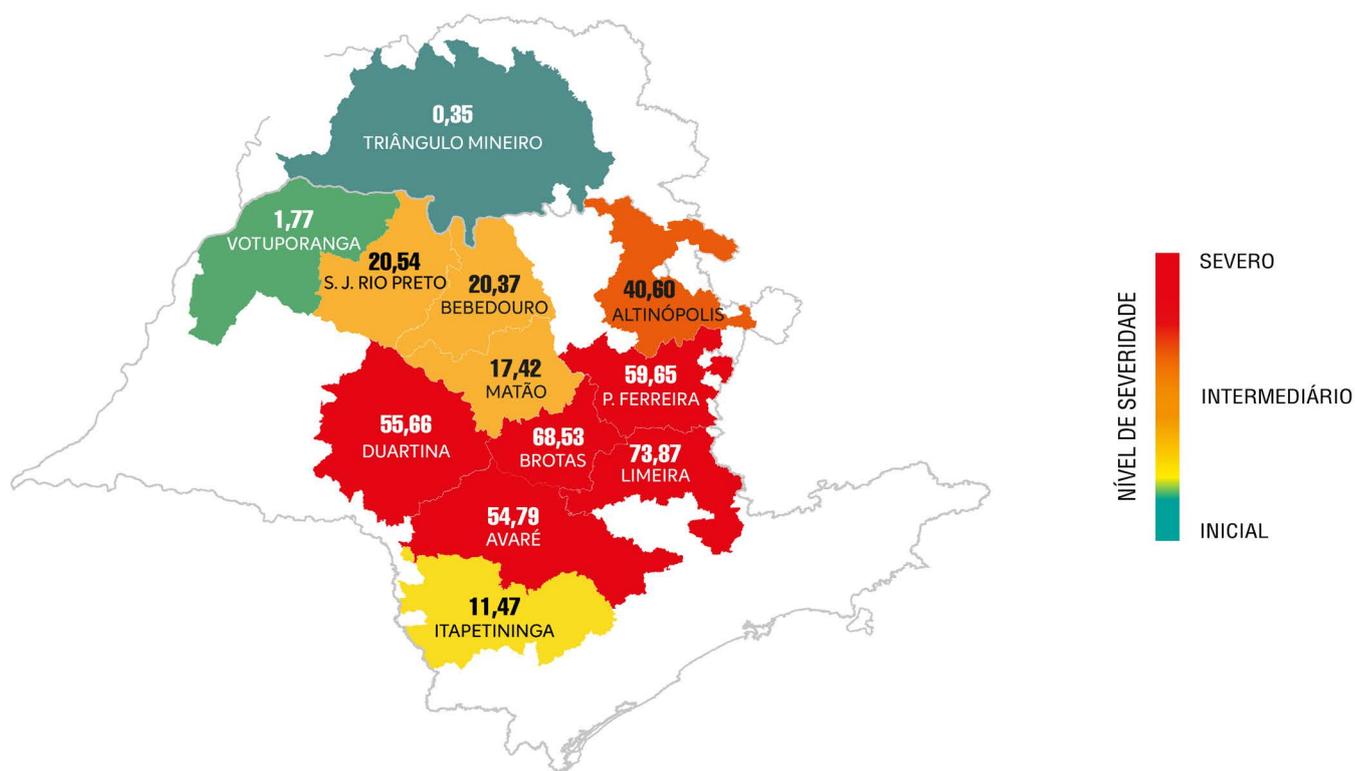
Historicamente, essas regiões têm chuvas mais concentradas na primavera e verão e temperatura alta, condições que geram menos brotações. Como essas poucas brotações amadurecem rapidamente, há menos tempo tanto para o psilídeo se reproduzir quanto de exposição das árvores. Nesse clima, a bactéria também tem dificuldade de se locomover na planta. Portanto, essa conjugação de fatores – menos psilídeos infecciosos, janela menor de vulnerabilidade das laranjeiras e baixa disseminação da bactéria pela planta – explica a discrepância entre as regiões de menor incidência para as de maior, mesmo a trezentos, quatrocentos quilômetros de distância.

Porém, na temporada 2022/23, as chuvas foram mais distribuídas e as temperaturas, menos quentes, favorecendo o aumento da população de psilídeo e a própria propagação da bactéria.

O greening cresceu em todas as regiões do parque.

Das cinco regiões de incidência intermediária em 2022, uma passou agora a ser de alta incidência: em Altinópolis, a doença saiu de 15,96% para 40,60%. As demais, apesar do aumento, seguem na mesma classificação de nível de incidência: a doença saltou de 14,5% (2022) para 20,54% (2023) em São José do Rio Preto; de 7,43% para 20,37% em Bebedouro; de 8,90% para 17,42% em Matão; e de 7,15% para 11,47% em Itapetininga.

Percentual das laranjeiras com greening por setor e região



As regiões com as maiores incidências seguem sendo Limeira (onde a incidência cresceu de 70,72% em 2022 para 73,87% em 2023), Brotas (de 49,41% para 68,53%), Porto Ferreira (de 47,05% para 59,65%), Duartina (de 25,37% para 55,66%) e Avaré (de 31,80% para 54,79%).

E por que o greening avançou tanto? Como já alertado em relatórios anteriores, uma das principais causas do aumento da doença é a manutenção de laranjeiras doentes nos pomares comerciais, principalmente laranjeiras em produção, sem o devido controle do psilídeo. Com isso, a população de psilídeos infectivos dentro dos pomares vem aumentando ano após ano e, como consequência inevitável, a incidência da doença, também.

Em 2022, a população de psilídeos monitorada pelo Alerta Fitossanitário do

Fundecitrus foi o dobro da população verificada em 2021, que, por sua vez, já havia sido a maior já registrada desde o início da série histórica, em 2009. Esse aumento recorde da população de psilídeos, associado à manutenção de plantas doentes nos pomares, culminou, oito meses depois, no aumento alarmante da doença em 2023.



O controle do psilídeo tem quatro pilares fundamentais: uso de inseticidas e doses eficazes; rotação de inseticidas com diferentes modos de ação; intervalos entre aplicações menores ou iguais a 7 dias nos períodos de brotação; e aplicações de qualidade com cobertura acima de 30% em todas as partes da planta. **Desses quatro pilares, o que mais influenciou no aumento da incidência de greening foi o uso intensivo e seguido de inseticidas dos grupos piretroide e neonicotinoide.** A não rotação adequada de inseticidas com diferentes modos de ação levou à rápida seleção de populações do psilídeo resistentes a esses dois grupos de inseticidas e à consequente perda de eficácia desses produtos no campo.

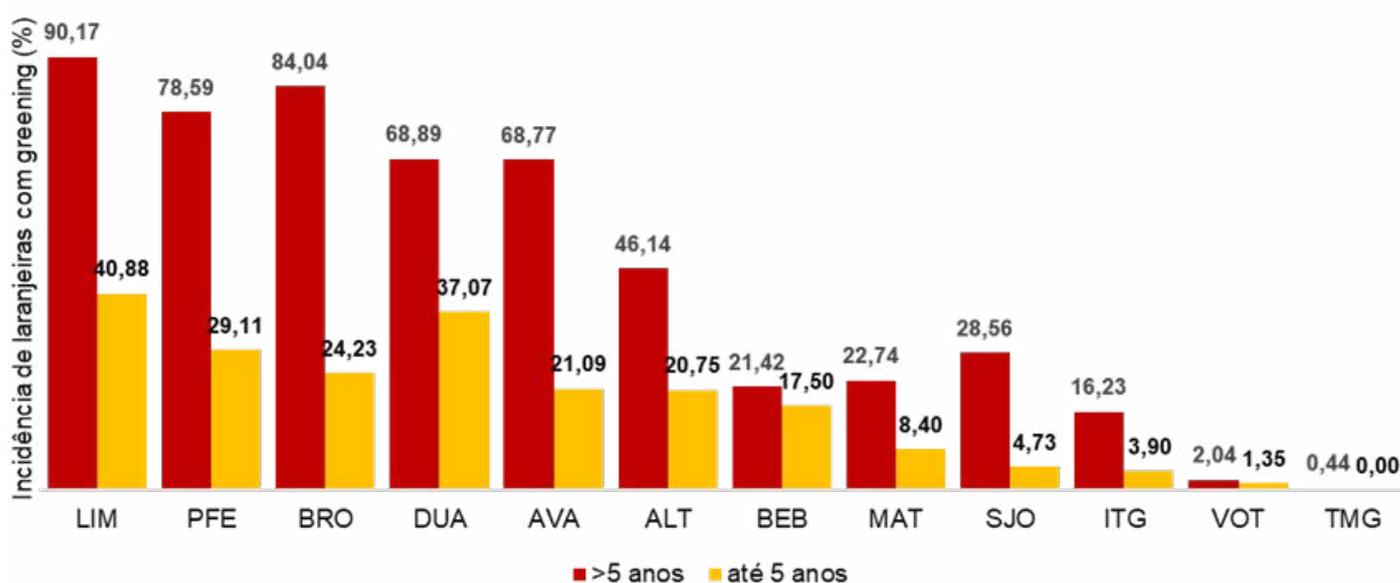
Para reverter esse quadro de alta população de psilídeos, é preciso agir imediatamente, rigorosamente e conjuntamente. É imperativo parar agora com o uso desses inseticidas nas regiões com problema de controle por um

período mínimo de três meses, adotando a rotação de inseticidas de outros grupos químicos, com três a quatro modos de ação diferentes.

Nas regiões de maior incidência, já são observados impactos como aumento da eliminação de árvores e pomares, redução da produção e aumento da taxa de queda prematura de frutos e maior dificuldade de controle da doença em pomares jovens, dificultando a renovação dos pomares, que leva ao envelhecimento do cinturão citrícola, mas com longevidade produtiva.

Na maioria dos casos, quanto maior a incidência de greening nos pomares acima de cinco anos, maior tem sido a incidência da doença em pomares de até cinco anos, comprovando a dificuldade cada vez maior de controle da doença em pomares jovens quando se tem alta incidência da doença em pomares mais velhos sem o controle ideal do psilídeo.

Laranjeiras com greening em pomares acima de 5 anos e com até 5 anos em cada região do cinturão citrícola



Trata-se de cenário alarmante, não só pela incidência da doença em São Paulo e Minas Gerais mas também, e sobretudo, pelo desafio que está se tornando renovar os pomares, da qual depende a sustentabilidade do cinturão citrícola.

O manejo do greening deve ser ajustado de acordo com a incidência da doença na região em que se encontra a propriedade. Nas regiões e propriedades com maior incidência da doença, a recomendação é intensificar as ações de controle do greening dentro dos pomares comerciais. É imprescindível manter o rigor no controle do psilídeo, com aplicações de qualidade, com intervalos entre as aplicações de no máximo dez dias e rotacionando inseticidas com três ou quatro modos de ação diferentes para que as plantas doentes não sirvam de fonte de inóculo e propagação da doença dentro do pomar e nos pomares vizinhos. Não é recomendado o plantio de novos pomares nessas regiões, pois eles poderão ser significativamente afetados ainda nos primeiros anos. **A escolha criteriosa da área, o que inclui a realização de ações externas de redução de inóculo nos pomares vizinhos, quintais urbanos e rurais, pastagens etc. em um raio de ao menos cinco quilômetros ao redor da**

propriedade, é fator decisivo para a sobrevivência dos novos pomares.

Nas regiões e propriedades com baixa incidência, não faz sentido a manutenção de plantas doentes no pomar, já que não interferem na produtividade. Ao contrário, a manutenção de plantas doentes só vai fazer com que a incidência aumente, deixando a atividade completamente dependente dos inseticidas e tornando inviável amanhã uma área que é eficiente hoje.

E, finalmente, mas não menos importante, é necessário sempre lembrar que o greening exige medidas conjuntas, por isso também a doença é tão desafiadora. Não adianta ter internamente o melhor manejo se ao redor da propriedade o manejo é insuficiente. Para que o manejo tenha o sucesso desejado, todos têm de agir com rigor.

Soluções duradouras e sustentáveis contra o greening estão sendo pesquisadas pelo **Fundecitrus** em trabalhos próprios e em parceria com centros científicos nacionais e internacionais. O greening é a pior doença da citricultura mundial, a ponto de a Europa, onde a doença ainda não está presente, ter investido 8 milhões de euros nos últimos anos para financiar um consórcio de 24 instituições de dez países que estuda caminhos para reduzir o impacto da doença nos citros.



**CONTROLAR
O PSILÍDEO
É COISA SÉRIA**

GREENING
É COISA SÉRIA


Fundecitrus